

Telas separadas

Gustavo Galvão
Da equipe do **Correio**

As pessoas se preparam para ir ao cinema, há todo um ritual no ato de sair de casa e ver filmes. Não acontece o mesmo com a televisão, que se resolve com um simples botão — o mesmo procedimento para ligar ou desligar. Tem algo mágico também na realização, uma vez que os profissionais de cinema têm o tempo que for necessário para criar. Mesmo assim, a televisão é fundamental.

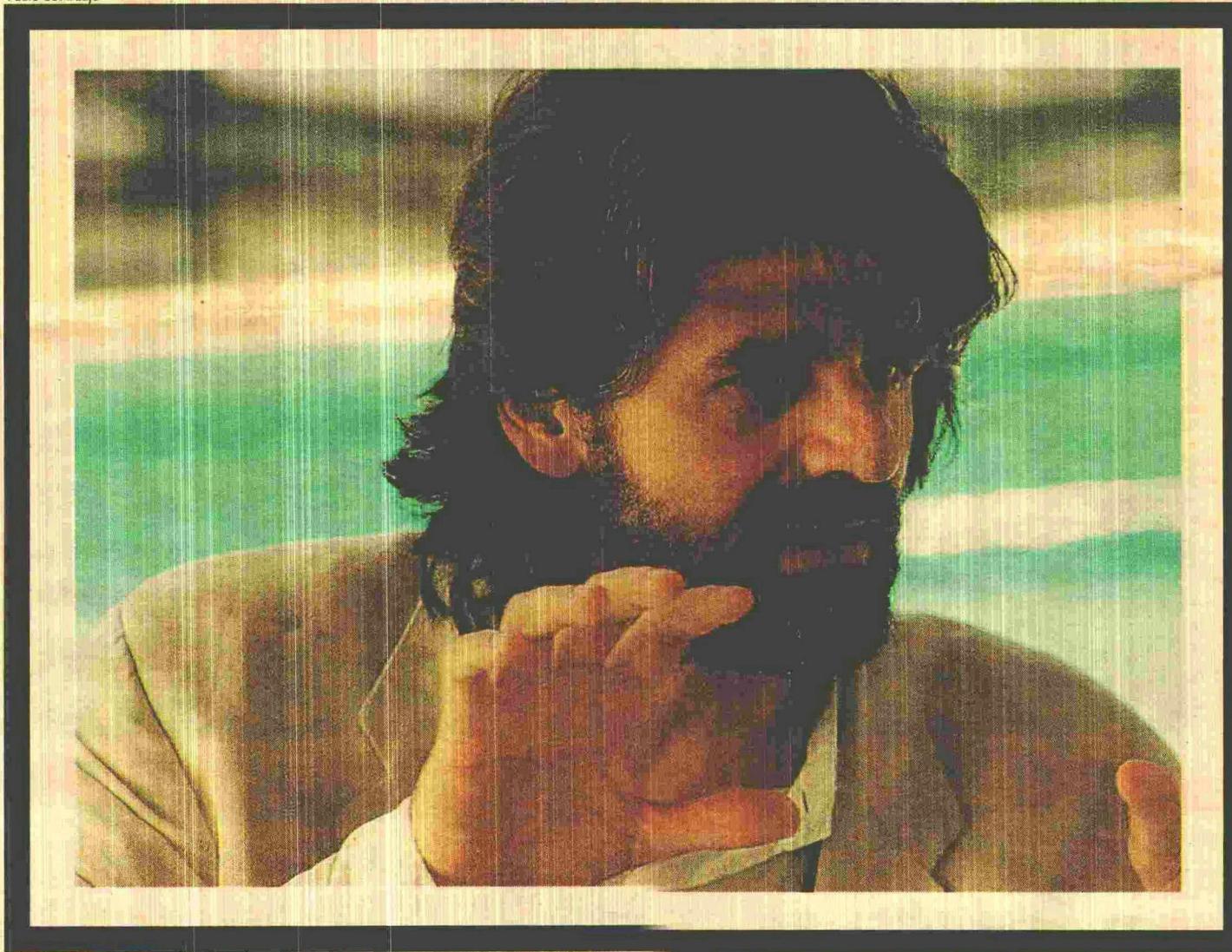
Que o diga os franceses. E espanhóis, ingleses, holandeses e muitos outros realizadores em atividade em países civilizados, nos quais as emissoras assumem o papel de fomentador e divulgador da produção cinematográfica. No Brasil, sem regras, vale tudo: as tevês ignoram quaisquer projetos, na melhor das hipóteses produzem um ou outro longa-metragem por ano. O assunto, sempre em voga por estas bandas, ganhou contornos novos nos últimos meses.

Começou com a retirada inesperada das obrigações previstas para as emissoras no projeto da Agência Nacional de Cinema (*ver matéria ao lado*). Ao mesmo tempo, um diretor criado em programas e novelas da Rede Globo — como *Renascer* e *O Rei do Gado* — começava a se sobressair com obra completamente dissociada da dramaturgia televisiva: Luiz Fernando Carvalho, de *Lavoura Arcaica*.

A produtora Sara Silveira, de passagem pelo Festival de Brasília, define Luiz Fernando como “um exemplo” de que o casamento entre cinema brasileiro e tevê pode ser muito proveitoso. Serve de garantia para os empresários dos canais de que há talento do outro lado, gente na qual vale investir. A atriz Malu Mader concorda: “Não vamos chegar a lugar nenhum enquanto a tevê não se conciliar com o cinema e vice-versa, essa rivalidade é imbecil.”

“Não acredito neste casamento entre televisão e cinema”, decreta Carvalho,

Paulo de Araújo



O DIRETOR LUIZ FERNANDO CARVALHO CONTA QUE DESFEZ CONTRATO COM A REDE GLOBO PARA FILMAR *LAVOURA ARCAICA*: CINEMA DE VERDADE

nada otimista. Ele explica: “Não acredito porque os interesses são muito diferentes, principalmente os dos canais abertos. Por isso fiz *Lavoura Arcaica* fora da Globo. Desfiz o contrato que tinha (com a emissora) para fazer cinema, e não uma corruptela de cinema.”

O diretor se refere às crias da Globo

Filmes, subsidiária do conglomerado de Roberto Marinho que lançou no mercado fitas como *Zoando na TV* (com Angélica), *A Partilha* (Daniel Filho) e *O Auto da Compadecida* (Guel Arraes). “A Globo Filmes, infelizmente, não passa de prolongamento da televisão. Eles precisam criar coragem cinematográfica.”

O casamento é possível, sim. O Programa de Integração Televisão-Cinema (PIC-TV) serve de exemplo. Criado pela TV Cultura, de São Paulo, possibilitou a realização de 48 longas em dois anos e meio. “O PIC foi um investimento do Governo do Estado. Dava R\$ 400 mil para cada projeto aprovado e

ainda estreitava o contato entre o produtor e grandes investidores”, lembra o cineasta Carlos Reichenbach, saudosos. O PIC-TV foi encerrado logo após a morte do governador Mário Covas, no primeiro semestre de 2001.

Além do prêmio em dinheiro, o Programa de Integração garantia a exibição dos filmes na TV Cultura e retransmissoras. E o público correspondia. A exibição da comédia *Alô*, de Mara Mourão, repercutiu mais do que qualquer outro projeto da emissora. “Logo que o PIC-TV se estabeleceu, fecharam”, reclama Sara Silveira. Nestes dois anos e meio, ela recorreu ao fundo para produzir *Ação Entre Amigos* (Beto Brant), *Bicho de Sete Cabeças* (Laís Bodanzky) e *Dois Córregos* (Reichenbach), entre muitos outros.

O encerramento causou profundo desgosto no veterano Reichenbach. De tão indignado, ele teve um enfarte enquanto protestava em entrevista a um repórter paulista. “Em poucos países havia uma parceria tão aberta. O PIC-TV viabilizou 50% da produção no período (entre 1998 e 2000). Acabou sendo prejudicado por este excesso de jogo limpo”, ironiza hoje.

Tecnicamente, o fim do PIC-TV se deve a questões orçamentárias. O fato, no entanto, aumenta o abismo entre os cinema produzido aqui e o povo, uma vez que a televisão é a única porta de entrada em centenas de municípios brasileiros. “O povo não tem cultura de cinema brasileiro porque há pouquíssimos filmes nacionais na tevê”, lamenta Renato Ciasca, produtor de *O Invasor*, de Beto Brant. Ele só conseguiu vender recentemente para a Globo o longa de estréia do diretor, *Os Matadores*, rodado em 1997. O segundo filme de Brant, *Ação Entre Amigos*, continua inédito na tevê aberta. “As emissoras preferem os enlatados norte-americanos. Isso contribui para a pasteurização da linguagem. O público se acostumou a receber tudo mastigado: perdeu o acesso a produtos mais sofisticados.”